

sia-se qualquer coisa, verdadeira ou falsamente, mas a sensação raramente erra: é difícil sentir errado, embora seja fácil interpretar erradamente os sentimentos. Assim, os tabus sexuais tornam-se fortes para os jovens, a ponto de interferir em seu comportamento sexual até na fase adulta.

A inadequação sexual feminina, dentro desse quadro, pode ter uma causa orgânica em 20 a 40% dos casos, sendo os restantes de fundo psicossocial.

Uma das mais freqüentes causas é a vigência de mitos e tabus quanto à filosofia e à anatomia sexual. Frases do tipo: "O hímen é a prova da virgindade", "Não se pode lavar a cabeça durante a menstruação", "Se a mulher se masturba pode ficar viciada" ou "Não ocorre gravidez na primeira relação sexual", são amostras freqüentes desse tipo de desinformação. O impulso sexual é também vítima freqüente desses tabus, expressos em frases do tipo: "A mulher tem menos necessidade do que o homem" e "Algumas mulheres são frígidas por natureza".

Devemos realçar a importância de conhecer o próprio corpo para um bom relacionamento sexual, pois se não o conhecermos dificilmente poderemos usufruir do prazer de um relacionamento e passá-lo ao nosso parceiro.

Enfim, o que vêm a ser "tabus"? São idéias errôneas, sem correspondência com a realidade, transmitidas como verdades. Quando não questionados ou corrigidos, acabam ritualizados pela vida social, onde permanecem até serem substituídos por outros.

Outros fatores freqüentes de disfunções sexuais são:

Crenças religiosas (ao menos algumas delas): algumas religiões punem irracionalmente a mulher, que sente como se um espião a observasse durante a masturbação, a relação sexual ou - mais grave ainda - quando são tomadas por pensamentos cheios de desejos e de necessidades sexuais.

Ignorância: a ignorância dos fatos mais básicos sobre a própria sexualidade é um dos fatores mais comuns permeados às queixas de mulheres que procuram tratamento para suas disfunções. Gostaria de deixar claro que o termo "ignorância" não é aqui utilizado no sentido pejorativo, mas sim no de que a imensa maioria das pessoas (homens e mulheres) são portadores de grande desinformação sobre seu próprio sexo e sobre o oposto. Desinformação sobre a fisiologia do ato sexual e sobre anticoncepção, por exemplo, ocasiona inúmeros casos de gestação indesejada e abortamentos clandestinos, podendo acarretar sérios problemas emocionais entre mulheres, principalmente as adolescentes. Podemos afirmar, sem medo de errar, que a grande maioria das mulheres sabe muito pouco sobre sua

própria sexualidade, dos sentimentos expressos através de seu corpo e sobre as funções dos órgãos genitais.

Isso se deve, indiscutivelmente, a uma educação sexual muito precária, por motivos religiosos, políticos, sociais e financeiros. Existe sim uma preocupação atual com relação à AIDS, que toma as mulheres cada vez mais medrosas quanto ao sexo, funcionando assim como uma repressão, pois a escolha de parceiros fica cada vez mais reduzida e a própria relação sexual mais tensa a menos satisfatória, pois a informação tem sempre um caráter ameaçador e repressivo, a não um enfoque educacional e informativo. Evidentemente é importante falar sobre AIDS, mas a publicidade deveria ser focada na prevenção e não no medo e na repressão.

Vivências sexuais desastrosas: uma primeira relação sexual ocorrendo na vigência da desinformação de um ou ambos os parceiros, em locais inadequados (sala da casa da namorada, escada do prédio, etc.) pode provocar medo e insegurança, não dando a possibilidade de sentir o prazer e o relaxamento desejáveis. Agressões como o estupro ou o abuso sexual são também exemplos de vivências sexuais extremamente destrutivas.

Fatores circunstanciais: podem ocorrer na vida de qualquer pessoa, como a perda de um emprego, o excesso de trabalho, uma crise financeira, etc., às vezes ocasionam um desinteresse mútuo no casal; com a resolução da crise, entretanto, habitualmente o relacionamento volta a ser tranqüilo.

Crise relacional: a má comunicação, o desinteresse pelo outro e até o desinteresse por si mesmo podem atuar negativamente sobre a sexualidade do casal. A relação torna-se rotineira, sem criatividade, sem tesão... Essa é talvez a mais comum das causas de separação de casais, pois gera transações patológicas entre os parceiros. Nossa sociedade não estimula a criatividade; desde crianças somos treinados a fazer as tarefas sempre da mesma maneira, o que nos torna mecânicos, robotizados. No exercício da sexualidade vamos então tendendo a reproduzir esse tipo de atitude, tornando-nos "robôs do sexo". Essa monotonia vai desgastando as relações, fazendo com que as pessoas se tornem insatisfeitas, infelizes e sexualmente disfuncionais.

As disfunções sexuais femininas mais freqüentes são:

Diminuição do desejo (inapetência sexual), que pode ser:

Primária: existe desde o início da vida sexual ativa, ocasionada por relações primárias profundas, como as mal-resoluções edípicas a outras tantas que a psicanálise explica tão bem.

Secundárias: surgem no decorrer da vida sexual, freqüentemente desencadeadas por desinformação, monotonia, etc.

Lembremos que as causas orgânicas, tais como elevação da prolactina, baixos níveis de testosterona etc., são habitualmente responsáveis por cerca de 10% dos casos de inapetência sexual feminina, sendo os restantes 90% de fundo psicossocial. Apesar de não ser nossa intenção nesse texto versar sobre as causas orgânicas, parece-nos fundamental alertar os psicólogos sobre a importância do conhecimento de noções básicas sobre elas, para que não se incida no “pecado” de não lembrar da possibilidade de sua ocorrência frente a um caso de inapetência sexual. Desejamos realçar, por esse motivo, a importância de uma anamnese bem elaborada.

Disfunções da fase de excitação

Com relação a queixas sobre excitabilidade, encontramos causas orgânicas em cerca de 60% dos casos. Essas queixas freqüentemente estão ligadas às de disfunções do desejo, num esquema tipo “sem desejo... sem excitação”. Nos casos restantes, a maioria das vezes encontramos como causas o jogo sexual inadequado e o desajuste do casal.

Disfunções do orgasmo

São, na maioria das vezes (90%), originadas por causas psicossociais, podendo classificar-se em:

Anorgasmia primária: freqüentemente ocasionada por repressão (paterna ou sociocultural), desconhecimento da anatomofisiologia sexual e pela busca compulsiva do orgasmo, muito ligada a mitos. O mito do orgasmo é freqüentemente alvo das mais delirantes fantasias, sendo comum a expectativa de orgasmos múltiplos, de sensações como “subir pelas paredes”, orgasmos que duram horas, etc. Na verdade, a sensação orgásmica é absolutamente pessoal; essa busca compulsiva, entretanto, provoca o desvio da atenção, deixando a mulher de concentrar-se nas próprias sensações, no jogo amoroso, nas carícias e na troca de emoções.

Anorgasmia secundária: a causa mais comum desta disfunção é a relacional, conseqüente a uma relação inadequada e a falta de comunicação entre os parceiros.